

## **MÚSICA E INCLUSÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA PESSOAS COM TRANSTORNOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Magno Roberto Serejo Rodrigues <sup>1</sup>  
Marta Lídia Rocha Gonçalves Pinheiro <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O papel da música na educação infantil vai além de simplesmente entreter as crianças. A música contribui para o desenvolvimento da coordenação motora, estimula habilidades essenciais para a educação socioemocional, auxilia na percepção sonora e até mesmo na alfabetização infantil. Este estudo tem como objetivo analisar a contribuição do ensino de música para crianças com transtornos na Educação Infantil. O trabalho apresenta aspectos históricos e sociais da Educação Infantil relacionados à inclusão, investiga como se dá a construção do conhecimento musical nessa fase e explora as concepções dos professores sobre a música na inclusão de crianças com transtornos. Realizou-se um levantamento bibliográfico e uma pesquisa de campo, destacando autores como Mazzotta (2006), Olivier (2011), Oliveira (2019), entre outros. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida por meio de entrevistas com professoras atuantes na Educação Infantil em uma escola da rede municipal. Os resultados indicaram a necessidade de um diagnóstico preciso do aluno com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) para que o professor possa utilizar estratégias adequadas ao seu desenvolvimento. Conclui-se que o ensino de música permite novas formas de envolver o aluno com TOD nas atividades em sala de aula. Esse envolvimento é potencializado quando associado a fatores como formação continuada específica para a musicalização e a presença de um profissional de música na escola. Esses elementos proporcionam uma educação de qualidade, estimulando o desenvolvimento emocional e social e facilitando o processo de aprendizagem dos alunos com transtornos.

**Palavras-chave:** Música; Inclusão; Educação Infantil; Ensino e aprendizagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a educação é o alicerce para o desenvolvimento de qualquer cidadão e que é fundamental incluir o aluno tanto com necessidades físicas especiais quanto transtornos e garantir a possibilidade de seu crescimento, mas lembrando de que isso só é possível quando há professores qualificados e comunidade envolvidos e comprometidos com a educação.

Cada indivíduo tem suas características próprias, interesses distintos, capacidades e necessidades diferenciadas de aprendizagem que lhe são próprias e os sistemas de educação devem ser implementados tendo em vista a diversidade que existe e ser capaz de pensar a criança como centro do processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para seu desenvolvimento sendo capaz de atender às necessidades da mesma.

O tema da inclusão tem sido intensamente debatido no mundo nesta última década. Em se tratando de crianças, o ensino da música se faz fundamental neste debate, pois o mesmo é imprescindível no processo de inclusão, por ser um mecanismo legítimo e que foi se constituindo ao longo da história. Pensando nisso, questiona-se: como o ensino de música pode contribuir para o desenvolvimento da criança com transtornos na Educação Infantil?

Para responder a inquietação da pesquisa, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição musical para as crianças com transtornos na Educação Infantil. E como específicos: Apresentar os aspectos históricos e sociais da Educação Infantil no aspecto da inclusão; Investigar como se dá a construção do conhecimento musical na Educação Infantil; e conhecer as concepções dos professores de Educação Infantil sobre a música e seu ensino na inclusão de crianças com transtornos.

O interesse pelo tema abordado surgiu durante a realização do estágio supervisionado na realizado no Curso de Música licenciatura presencial da UEMA. A experiência tornou possível verificar a existência de um aluno com suspeita de Transtorno Opositor Desafiador (TOD), pois era o único que se recusava participar das atividades. Isso foi um grande desafio, devido à necessidade de uma abordagem mais abrangente e ao mesmo específica para alcançar o aluno.

Com o intuito de atingir os objetivos delineados optou-se em realizar uma pesquisa bibliográfica e de campo, ambas com abordagem qualitativa e descritiva. Para a escrita da fundamentação teórica deste trabalho, utiliza-se autores que relacionam a música com o ensino, educação infantil e inclusão, sendo eles: Mazzotta (2006), Olivier (2011), Oliveira (2019), Soeiro (2018), entre outros.

Em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola ligada à Rede Municipal de Ensino, onde abrange turmas da Creche I, Creche II, Infantil I e Infantil II. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se a técnica de observação e entrevista com professores da Educação Infantil.

## **2 A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNOS**

O transtorno é conhecido como um estado alterado da saúde, mas que muitas vezes não está ligada a uma doença, e na maioria dos casos está associado à saúde mental. Entre os principais transtornos da mente que causam alterações de ordem intelectual, social e emocional está o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Também conhecido como autismo, ele por sua vez, se define como um distúrbio neurológico que prejudica o desenvolvimento da comunicação e das relações sociais das pessoas (QUEIROZ, 2013).

Segundo Soeiro (2018) o autismo é uma desordem neurológica, apesar da causa precisa da doença ainda ser desconhecida. A causa psicológica é descartada, e em termos clínicos os sintomas podem aparecer desde o nascimento ou em algum momento dos dois anos de idade. De acordo com o autor ela não tem cura, mas com o correto tratamento, a pessoa pode ter uma vida normal dependendo do nível do distúrbio que possui. O TEA pode ser identificado nos primeiros anos de vida, durante a infância este distúrbio costuma ser chamado de autismo infantil.

Os sintomas do autismo podem variar de moderados a graves, existem diversos, e a criança nem sempre apresenta todos eles. Entre os grupos de sintomas que afetam os autistas estão:

- a) **Interação Social:** há dificuldades em fazer amigos, em mostrar empatia, é muito retraído, não responde ao contato visual e sorrisos, trata as pessoas como se fossem objetos, preferem ficar sozinhos em vez de acompanhados;
- b) **Informações Sensoriais:** leva a boca objetos ou lambe esfregando as superfícies, evita o contato físico, acha ruídos normais dolorosos e cobre os ouvidos com a mão, parece ter um aumento ou diminuição na resposta a dor e não se assusta com sons altos;
- c) **Brincadeiras:** brincadeiras solitárias ou ritualistas não imitam as ações dos outros e não faz brincadeiras de faz de conta ou imaginação;
- d) **Comportamento:** apresentam movimentos corporais repetitivos, um comportamento agressivo consegue ou com outras pessoas, tem baixa capacidade de atenção, fica preso em um único assunto ou tarefa, tem acessos de raiva intensos, é hiperatividade ou muito passivo. (SANTOS; SANTOS; SANTANA, 2016, p. 29).

As crianças com autismo apresentam um quadro de regressão em algum momento dos dois anos de idade, embora anteriormente tudo estivesse normal. Elas perdem as habilidades linguísticas ou sociais que adquiriram, têm a visão, audição, tato ou paladar sensível, o emocional tem uma alteração, quando se trata de mudanças de rotina percebem-se movimentos corporais repetitivos e apego anormal aos objetos (AFONSO, 2013).

Os sintomas devem estar presentes no início da Infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades. Geralmente não existe um exame específico para identificar o autismo, são considerados histórico do paciente, as observações do comportamento e o relato dos pais.

Após este levantamento é seguido os critérios que estão estabelecidos pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais ou pela Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde. Vale ressaltar que muitos pacientes com alta funcionalidade e ausência dos sintomas clássicos da doença, muitas vezes recebem o diagnóstico só na idade adulta (ALVES, 2014).

A criança que convive com TEA também pode ser diagnosticada com distúrbios diversos denominada de comorbidades segundo Haddad (2020, p. 10), entre elas: Transtorno Opositivo-Desafiador; Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); Distúrbios do sono; Transtorno de Ansiedade, Epilepsia, doenças genéticas diversas, etc. Transtornos genéticos sindrômicos; Encefalopatas crônicas e as paralisias cerebrais; Deficiência intelectual - a DI como comorbidades do autismo pode ser notado em aspectos cognitivos, uma vez que a dependência da criança aumenta em atividades que ela já teria determinada autonomia.

Portanto, é necessário que o tratamento adote uma linha multidisciplinar para a solução de problemas que visem amenizar os efeitos do autismo e suas comorbidades. Neste trabalho tem-se como objeto de estudo a comorbidades do TEA, o Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD).

## **2.1 O TOD e sua relação com o TEA**

Compreende-se o TEA na observação de um conjunto de comportamentos, comportamentos esses agrupados em uma tríade principal: comprometimento na comunicação; dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas, sendo ela uma concomitante do TOD (HADDAD, 2020).

Segundo Haddad (2020, p. 10) “O TOD é um tipo de transtorno de conduta identificado por um comportamento provocador, desobediente ou perturbador, e não acompanhado de comportamentos delituosos ou de condutas agressivas ou dissociais graves”. Geralmente pode ser identificado no comportamento referente a teimosias exageradas, como também resistência em cumprir tarefas acordadas apresentando ações de incômodo proposital sem nenhuma necessidade, caso não seja atendida sua vontade.

Para o diagnóstico de TOD, pelo menos quatro das características deverão estar presentes, sendo elas: Impaciência com frequência; discute com adultos de forma constante; aborrecimentos sem motivos; geralmente desafia ou recusa regras impostas; possui comportamento vingativo e ressentido; perturba as pessoas de forma proposital; não assume

seus erros e acusa outros por terem feitos (BRITES, 2016, p. 27). O tratamento precoce é fundamental para melhorar o comportamento da criança fazendo com que evite sua evolução para um transtorno de conduta.

Tanto o TEA quanto o TOD compartilham uma mesma herança ou origem, comprovando a sua comorbidade ou coexistência. É importante salientar que quando condições existem, alguns sintomas podem se mostrar, sobretudo, nas funções executivas, ou seja, elas se apresentam bem aquém das expectativas, prejudicando até mesmo a autonomia do pequeno.

Ambos, o TOD quanto o TEA se fundamentam legalmente no texto da Lei nº 12.764/2012 e no Decreto nº 8.368/2014 que se refere à Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, na qual ressalta que os padrões repetitivos e restritos do comportamento de uma pessoa autista podem se manifestar por atividades motoras ou verbais estereotipadas ou por comportamentos sensoriais incomuns, apego a rotina e interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012; 2014).

O texto caracteriza tanto o TEA quanto o TOD como transtornos persistentes e clinicamente significativos da comunicação e da interação social, manifestada por dificuldades de comunicação verbal e não verbal, reciprocidade social e dificuldades para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento (BRASIL, 2014).

## **2.2 O papel da Educação Inclusiva para alunos com TOD**

Antigamente, pessoas tanto com deficiências quanto transtornos eram segregados, afastados de qualquer convívio social, pois sua diferença era vista como maldição, destino, marca do demônio e todo tipo de crendice. Afinal, o que era diferente era desconhecido e misterioso, e o desconhecido era fonte de medo.

Nos anos de 1950 a 1960, eclodiu o movimento dos pais que tinham tido negado o ingresso dos seus filhos em escolas comuns, surgindo, então, as escolas especiais e, mais tarde, as classes especiais dentro das escolas comuns. A necessidade de uma política de educação especial foi se delineando em 1970, quando o Ministério da Educação (MEC) assumiu que a clientela da educação especial é a que “requer cuidados especiais no lar, na escola e na sociedade” (SILVA JUNIOR, 2015, p. 27).

Em 1986 a expressão “alunos excepcionais” foi substituída por “alunos portadores de necessidades especiais”. Em 1990, finalmente o Brasil participou da Conferência Mundial sobre Educação para Todos na cidade de Jomtiem, na Tailândia, estavam lançadas as sementes da política da educação inclusiva (MAZZOTTA, 2006).

Ainda nesta mesma década, houve um movimento de “escola para todos,” com milhares de membros nos Estados Unidos e em outros países, com o único propósito de promover a inclusão. Assim, vários documentos se sucederam, sendo o mais famoso deles a Declaração de Salamanca, assinada em 1994, afirma que:

O princípio da inclusão consiste no reconhecimento da necessidade de se caminhar rumo à escola para todos – um lugar que inclua todos os alunos; celebre a diferença e apoie a aprendizagem e responda as necessidades individuais (BAZZANI, 2014, não paginado).

A Declaração de Salamanca ressalta a necessidade de se dar às crianças e aos adolescentes as condições para que sejam matriculadas na escola comum, rompendo com a prática da segregação social e da distinção entre os desiguais, atitude até então explicitada na realidade escolar brasileira. É a escola da realidade social.

É um novo movimento pedagógico, com características democráticas e pluralistas, que pretende garantir não somente o acesso, mas também a permanência de cada aluno nos níveis estruturais do sistema educacional e o respeito por sua identidade social (DORZIART, 2019, p. 81).

A Constituição Brasileira de 1988 garante o acesso ao ensino fundamental regular a todas as crianças e adolescentes, sem exceção, e deixa claro que a criança com necessidade educacional especial deve receber atendimento especializado complementar, de preferência dentro da escola (BRASIL, 1988).

A inclusão ganhou reforços com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, e com a Convenção da Guatemala, de 2001, que proíbem qualquer tipo de diferenciação, de exclusão ou de restrição baseadas na deficiência das pessoas. O direito à educação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista, bem como com o Transtorno Opositivo-Desafiador, segundo a Política Nacional de Educação Especial do Ministério da Educação e do Desporto (1994) precisam receber educação diferenciada, recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas (DORZIART, 2019).

De acordo com Costa e Ferreira (2012, p. 2) o aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado que permite o convívio e a participação. A inclusão escolar é a oportunidade para que de fato a criança com transtornos não esteja à parte, realizando atividades meramente condicionadas e sem sentido.

Nas escolas regulares, para trabalhar com os alunos com transtornos em seu ensino comum, os professores necessitam de formação adequada.

A educação inclusiva envolve um processo de preparação do professor que considera as diferenças e as dificuldades dos alunos na aprendizagem escolar como fontes de conhecimento sobre como ensinar e como aperfeiçoar as condições de trabalho nas salas de aula (BRASIL, 1995, p.17).

Como o processo de inclusão de pessoas com TOD causa mudanças e, por vezes, desconforto na sala de aula, pois a formação dos professores da rede regular de ensino não é adequada para esse fato, é necessário um período de adaptação, para que haja num futuro breve uma devida busca por novos conhecimentos que possibilitem a esse professor um trabalho adequado às novas exigências (BARROS, 2014).

A Educação Inclusiva exige do professor uma mudança de postura, no sentido de redefinir seu papel, que é fundamental no desenvolvimento de seu aluno. O educador deve aprender respeitar o seu aluno, seus interesses, e desenvolver suas atividades, ouvindo, formulando desafios e situações novas, acompanhando seu processo de desenvolvimento, não direcionando aos seus interesses (de adulto). “Devem ser oferecidas aos alunos oportunidades diárias para pensar, refletir e evoluir em direção ao pensamento lógico” (FERREIRA; FERREIRA; ALVES, 2013, p.86).

O grande desafio do profissional que atua na educação inclusiva é justamente articular o que ele tem que ensinar com o que a criança já construiu, e com a maneira do estudante aprender. O ambiente escolar é para qualquer criança o espaço por natureza de interação de uns com os outros. É nesse espaço que vê-se estabelecer a comunicação e sentir a necessidade de se locomover.

O desafio do processo de inclusão desses alunos com TOD em sala de aula vai muito além das medidas facilitadoras que muitas escolas implicam em colocar cuidadores, professores de reforço em salas de aceleração, entre outros. É necessária uma reestruturação do ensino e suas práticas, entender que não é a criança que se adapta à escola, mas sim a escola que para recebê-la deve se transformar.

O ensino é o objetivo principal no trabalho com crianças com TOD, compreendê-los é essencial para um trabalho adequado e um grande aliado desse objetivo é a persistência. A interação é uma chave para o bom convívio escolar e estar atento a criança com TOD são essenciais.

### **2.3 Ações pedagógicas da música para a inclusão de alunos com TOD**

As ações pedagógicas da música para a inclusão de alunos com TOD precisam estar de acordo com os níveis de potencialidade da criança, elas não se prendem por muito tempo organizando as tarefas através de informação de qual é a atividade, quando começa e quando termina, qual é a próxima, entre outras.

A importância de atrair o olhar da criança, uma rotina previsível, começar por atividades simples e sempre que possível o professor auxiliar pegando na mão para a conclusão da tarefa. Enquanto as outras crianças conseguem aprender por meio de brincadeiras com seus pais e colegas, o com TOD aprende de outras maneiras, há uma relação diferente entre cérebro e sentidos, as informações nem sempre se tornam conhecimento.

O trabalho com a música pode proporcionar essa integração social, já que as atividades geralmente são coletivas e o trabalho em grupo produz compreensão, cooperação e participação. A afetividade é uma sensação de prazer que possibilita expressão dos sentimentos perante os outros, desenvolvê-la acarreta uma sensação de segurança. Quando expressamos nossos sentimentos ocorre o desenvolvimento da sensação e de realização. (OLIVEIRA, 2019, p, 27)

A escola deve ter um trabalho junto à família da criança com TOD, pois juntas podem planejar o que deve ser feito e continuar em casa. Deve estar sempre em busca de novas informações treinando, através da educação continuada, os professores, que terão esses alunos em sala, modificando o ambiente em sala, se for possível para que não ocorra nenhuma situação que gere impacto sobre o aluno; s professores por sua vez, devem estar cientes que precisam conhecer as características dessas crianças e entender que para o autismo, conhecimento e habilidades possuem definições diferentes.

O ensino de música precisa ser facilitado para que a escola consiga influenciar o principal objetivo que é o de não necessariamente a formação de instrumentistas, concertistas e nem dominar instrumentos ou cantar almejandouma carreira profissional como músico. O fator de importância é que o alunopode sim no futuro desejar alcançar uma dessas carreiras, mas o ato do ensinarcanto, trabalhar com a música ou tocar alguns instrumentos, deve ser o de tercomo objetivo o desenvolvimento da criança, aliando a música a elementos pertinentes do currículo da educação infantil. (OLIVEIRA, 2019, p, 27).

O professor deve ter em mente que antes de trabalhar as habilidades com uma criança com TOD é preciso desenvolver alguns pilares, por exemplo, o contato visual, a criança com TOD tem dificuldades em olhar diretamente para outra pessoa. O contato visual é uma habilidade pré-requisito para que outras habilidades sejam desenvolvidas como a linguagem e fala. É importante que a criança olhe para a boca do professor durante o processo de Alfabetização, portanto a necessidade de estimular o contato visual previamente. É preciso estar atento quanto as atividades propostas a eles, pois:

O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com seu interesse. Se a criança estiver exercitando uma atividade nova de maneira inadequada, é importante a intervenção rápida do professor, mesmo que para isso seja necessário segurara mão da criança ou até mesmo dizer-lhe a resposta (SANTOS; SANTOS; SANTANA, 2016, p. 15)

O professor pode lançar mão de algumas atividades para melhor proporcionar um bom desenvolvimento de seu aluno com TOD, por exemplo, para desenvolver a comunicação, cognição e linguagem ele pode utilizar livros, jogos coletivos, pareamento do concreto com o simbólico, música, desenho, pintura, jogos e atividades que utilizem novas tecnologias digitais que estimulem o raciocínio lógico (SILVA, et al. 2017).

A musicalização nesse contexto é percebida como um processo de ampliação da circulação social que produz uma aproximação dos seus diversos protagonistas, convocando-os à construção cotidiana de uma sociedade que ofereça oportunidades variadas a todos os seus cidadãos e possibilidades criativas a todas as suas diferenças (OLIVIER, 2011, p. 27).

Ao verificar os benefícios da música para o cérebro de pessoas que apresentam transtornos como o TOD, nota-se que “Através da música é possível entender como parte do cérebro capta estímulos de emoções, sensações e sentimentos, não precisando passar por regiões cerebrais responsáveis pela razão e emoção” (OLIVIER, 2011, p. 27).

Barros (2014) relata que como o processo de inclusão de pessoas com TOD causa extrema mudança e, por vezes, desconforto na sala de aula, pois a formação dos professores da rede regular de ensino não é adequada para esse fato, é necessário um período de adaptação, para que haja num futuro breve uma devida busca por novos conhecimentos que possibilitem a esse professor um trabalho adequado às novas exigências.

Entre as ações que o professor pode utilizar para aprimorar o desenvolvimento da criança com TOD dentro do contexto musical, é o improviso musical em jogos coletivos, no qual o aluno com transtornos poderá observar, gradativamente, o contexto que ele está inserido, para que com isso, comece a desenvolver habilidades de compreensão do universo ao seu redor, tornando possível ainda, que ele faça criações cada vez mais complexas (LOURO, 2014).

Este novo paradigma constitui um desafio para toda a comunidade escolar principalmente para o professor que é o agente responsável pelo ensino e que está em contato direto com o aluno. Neste sentido, o ensino centraliza-se no professor em suas qualidades e habilidades. Assim, o ensino da música com o intuito de inclusão assume o papel de superar a lógica da exclusão, isto implica em uma mudança estrutural e cultural da sociedade, buscando a quebra de preconceitos e assim possibilitar que todas as pessoas possam ser atendidas de forma igualitária.

### 2.3.1 Análise das práticas pedagógicas com o uso da música com alunos com TOD

A pesquisa realizou-se em uma escola que faz parte à rede municipal de ensino que abrange turmas da Creche I, Creche II, Infantil I e Infantil II. As observações do campo de pesquisa foram realizadas durante as aulas de arte na turma da educação Infantil II ao longo de todo o mês de outubro de 2019. Na turma foi observado o comportamento das crianças durante a aula de contação de história adaptada para crianças menores.

Ao chegar à sala, os alunos se mostraram bem acanhados. Após colocar um pano no chão com diversos instrumentos musicais em cima, percebeu-se os olhares curiosos das crianças, fazendo com que eles ficassem mais à vontade e começaram a sair dos seus lugares para pegar um instrumento musical. Após este contato direto com as crianças tornou-se interessante cantar músicas que a professora da sala já trabalhava, despertando o interesse dos alunos em utilizar os instrumentos na medida em que cantavam as músicas. Em seguida, foi realizada uma atividade sobre os parâmetros do som, e depois foi contada uma história criada pela própria professora da turma.

De acordo com a observação na sala de aula durante a contação de histórias, jogos e brincadeiras musicais, foi possível verificar que as crianças superaram as expectativas dos professores, mostrando-se capazes de internalizar conceitos musicais e de se expressar musicalmente, fazendo com que compreendessem sobre ritmo, timbre e altura. Além da contação de história foram realizadas aulas sobre parâmetros de som, instrumentos musicais, som e silêncio e reconhecimento de timbres.

Na aula de parâmetros do som, que tinha como objetivo desenvolver a percepção auditiva para executar o andamento da música, os alunos se mostraram aptos para a realização da atividade. Mantiveram sentados em círculo, como pedido, e, durante a execução da música, fizeram o ritmo de acordo com o andamento imposto.

Na aula sobre os instrumentos musicais, que tinha como objetivo conhecer a sonoridade dos instrumentos foi alcançado o objetivo de fazer com que os alunos tivessem um contato direto com o instrumento musical e executá-lo. Ao final cantaram as músicas escolhidas por eles.

Na aula sobre som e silêncio, que tinha o objetivo de desenvolver a capacidade de percepção, chegou-se ao término da aula com os alunos sabendo as figuras que estavam dentro da caixa que reproduziam barulho ou não. Após esta aula, a professora da turma comentou que os alunos começaram a identificar o que fazia som ou não dentro da sala de aula.

Na aula sobre reconhecimento de timbres e intensidade os alunos se mostraram aptos a diferenciar os sons da natureza. Dentro dessa atividade, foi trabalhado o grave e o agudo para diferenciar a voz da mãe e do pai no piano virtual, na qual a ideia foi associar a tessitura das vozes dos pais ao grave e ao agudo.

Em outro momento, um determinado aluno chamou a atenção, por ser o único que se recusava participar das atividades. A professora da turma relata que o mesmo tinha suspeita de TOD, sendo vista como uma das comorbidades do TEA, como já visto anteriormente ao longo do trabalho. Ao observar seu comportamento na sala tornou possível identificar alguns sintomas causados por esse transtorno como: a irritabilidade e a desobediência.

Logo, constatou-se a necessidade de criar uma estratégia para tentar trazer a atenção do aluno com transtorno para as atividades na sala de aula. Pensando nisso, foi perguntado para o aluno sobre sua preferência de filme ou desenho que ele gostava, tendo como resposta o desenho Patrulha Canina.

Com o intuito de promover o interesse pelas atividades do aluno com transtorno durante a contação de história, a professora relaciona o enredo com os personagens do desenho da Patrulha Canina, simulando um passeio de barco com cachorro dentro da sala de aula, fazendo com que os alunos se movimentassem pela turma. Nesse momento, percebe-se que o aluno com transtorno se aproxima do círculo onde todos os outros estavam fazendo com que ele participasse divertidamente. Desde então, a professora começou a observar sua evolução nas atividades escolares.

Levando em conta o que foi observado, notou-se que ao utilizar diferentes estratégias na sala de aula durante as atividades de arte e música, como o uso dos instrumentos musicais, por exemplo, faz com que o aluno demonstre mais interesse pela aula além de promover melhor

desempenho para o ensino aprendizagem, sendo reconhecido como um resultado positivo também para os alunos com transtornos.

Após as observações feitas durante as aulas, optou-se em aplicar uma entrevista com as professoras do Ensino Infantil I e II, na qual questionou-se: Existe algum aluno com transtornos na sala em que você atua? Se sim, especifique o tipo. Podendo ver suas respostas a seguir:

Não posso afirmar porque não nos foi apresentado nenhum laudo a escola. A criança apenas apresentava algumas características e a família nunca tocou no assunto, sempre fugia quando era questionada sobre o comportamento inadequado do aluno. (Professora A).

Não. (Professora B).

Observa-se nas respostas das professoras que apenas uma tem desconfiança da existência de um aluno com transtorno em sala de aula. Por falta de um laudo que descreva sobre o problema fica difícil a professora afirmar, mas muito tem sido observado por ela relacionado a comportamentos bem característicos de crianças com transtornos.

Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades. Nesse sentido, é de suma importância um diagnóstico para que quando a criança inicie sua vida escolar os professores saibam como atuar, a escola por sua vez tenha conhecimento de suas necessidades e como realizar da melhor maneira esse processo de intervenção, gerando um suporte que se faz essencial nesse processo de uma educação inclusiva.

Cada aluno que possua um transtorno apresenta especificidades e a escola precisa estar preparada para os mais diferentes perfis de crianças com TEA e TOD, além disso, os professores devem adaptar o currículo de acordo com a criança e vale lembrar que é importante o professor com apoio individualizado, pois uma das maiores dificuldades é condicionar esta criança a começar e terminar atividades e tarefas com significado e finalidade.

Adiante, pergunta-se: A música é ensinada na sala de aula? Se sim, como reagem as crianças com transtornos? Tendo as seguintes respostas:

Sim. Essa criança de primeira mão observava, mas depois se envolvia, assim facilitava o trabalho pedagógico, pois a música fazia com que ele participasse das atividades; e é algo que prende a atenção dele por alguns momentos. (Professora A).

Trabalhamos diariamente com músicas em roda de atividades. A música está presente na rotina escolar dos nossos alunos. (Professora B).

Perguntadas sobre o ensino da música na sala de aula, todas as professoras afirmam

que realizam por fazer parte da proposta pedagógica e rotina escolar. Uma das professoras cita sua experiência com um aluno na qual desconfia ter o TOD relatando pontos positivos no comportamento do aluno durante o ensino da música na sala de aula.

A partir das informações apresentadas acima, verifica-se no relato de uma das professoras entrevistadas a resistência do aluno apenas no início da aula, mas ao longo da aula o ensino da música, ele buscava se envolver com as atividades proporcionando um ensino mais satisfatório. Importante destacar que a instituição não possui professor de música, sendo assim, os conteúdos relativos à linguagem musical são ministrados pelas próprias professoras do quadro que possuem formação em pedagogia.

É preciso pensar no aluno com transtornos em sua adaptação, já que o seu bom desempenho escolar depende do cuidado que é dedicado pelos professores em sala de aula, sobre qual deve-se dar para esta fase infantil, o que provoca o desafio de pensar, pois a sociedade e o adulto estão inseridos e são responsáveis por suas características específicas e pelo seu desenvolvimento.

Considera-se relevante a elaboração de práticas pedagógicas utilizando o ensino da música que, articulando a educação e cuidados, reconheçam as crianças com transtornos como sujeitos ativos, protagonistas e produtores de cultura nesses espaços institucionais, não meros depositários de conteúdo. Observa-se ainda, a necessidade de superação da distância entre o pedagógico e o discurso nas práticas institucionais desenvolvidas com as crianças com transtornos. Em seguida, como o intuito de investigar o entendimento das professoras entrevistadas em relação ao TOD, questionou-se: Qual seu entendimento sobre os transtornos em alunos, especificamente sobre o TOD? Tendo como respostas:

O TOD é o transtorno opositor desafiador, o próprio nome já diz tudo. A criança apresenta dificuldade para obedecer aos comandos, as regras de modogeral, principalmente quando não é bem assistida seja em casa, seja no ambiente escolar . A criança com esse transtorno é agitada, agressiva, desobediente e perde a calma com facilidade. Essa criança precisa de comandos pontuais por parte do adulto, mas de modo sensível, amoroso para alcançar os objetivos desejados, total ou parcial, por que eles são sempre uma caixinha de surpresa e mudam rapidamente de comportamento. (Professora A).

O TOD é um transtorno opositor desafiador. São crianças de temperamento forte, opiniosas, opositivas, apresentam resistências com regras e na maioria das vezes quando contrariadas reagem de forma intempestiva e agressiva. (Professora B).

A cada dia o contexto de crianças e adolescentes diagnosticados com TEA e TOD é muito presente em todos os setores da sociedade e a escola não está de fora desse contexto

sendo ela regular ou especial. Ter conhecimento sobre esse assunto é fundamental para que essa intervenção aconteça, mediante ao seu acolhimento na escola, ao exercício de seus direitos e o compartilhamento efetivo das atividades essenciais à vida escolar.

Nessa perspectiva, observa-se nas falas das professoras da Educação Infantil que todas possuem um entendimento sobre o que de fato é o TOD. Com isso, fica mais fácil o professor identificar na sala de aula comportamentos característicos em relação à esse transtorno fazendo com que se busque diagnóstico o mais cedo possível, favorecendo uma intervenção adequada e satisfatória.

Identificar um aluno com TOD na sala de aula e favorecer sua inclusão adequada é um desafio que vai muito além das medidas facilitadoras que muitas escolas implicam em colocar cuidadores, professores de reforço em salas de aceleração, entre outros. É necessária uma reestruturação do ensino e suas práticas, entender que não é a criança que se adapta à escola, mas sim a escola que para recebê-la deve se transformar.

Outra questão observada na pesquisa foi a percepção das professoras entrevistadas em relação à música e o processo de ensino e aprendizagem, questionando: No seu ponto de vista, é grande a relevância do ensino da música como mediadora do processo de ensino e aprendizagem do aluno com o TOD? Tendo as seguintes respostas:

Sim, pois prende a atenção deles. É algo de que eles gostam muito, mas primeiro temos que ganhar a confiança deles. Porque se impusemos eles não aceitam. Tudo com ele [a criança com TOD] faz necessário ter paciência e muito amor para apresentar a música. É assim com o qualquer tipo de assunto que faça parte do currículo escolar e com a música não é diferente. (Professora A).

Sim. A música acalma, por meio dela é possível trabalharmos a concentração, atenção, regras... (Professora B).

Com unanimidade nas respostas, as professoras entrevistadas concordam com a relevância do ensino da música como mediadora do processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. Com o ensino da música, segundo elas, facilita a realização de atividades que envolvam concentração, atenção, entre outros atributos.

Nesta perspectiva, chama atenção para o fato de que, a musicalização contribui no relaxamento durante a execução de atividades em sala de aula, tornando a aula mais dinâmica e atrativa, envolvendo na prática pedagógica a capacidade da concentração após a diversão.

Nota-se ainda em uma das respostas das professoras relativa à importância do professor em saber como lidar com alunos com TOD mediante o ensino da música na sala de aula, sugerindo utilizá-la de forma que a criança não se sinta pressionada. Os objetivos da música na Educação Infantil devem privilegiar o desenvolvimento da criança com TOD, o que

inclui não somente o desenvolvimento físico, mas principalmente a formação da consciência crítica, visando a autonomia da criança.

O ensino de música assume um lugar muito significativo na vida das crianças com TOD, pois por meio dele, elas acrescentam valores importantes que colaboram para seu desenvolvimento e constituem suas formas de ser e estar no mundo. É por meio da realização das atividades que envolvam a música e seu ensino que a criança, desde muito cedo, pode aprender a importância da colaboração, do trabalho em equipe, da organização, da coletividade e da partilha. Valores estes que acompanharão no decorrer de toda a sua vida e a ajudarão a vivenciar momentos decisivos na infância e na vida adulta, tanto para as crianças sem o TOD quanto as que possuem esse transtorno.

Posteriormente questionou-se: Quais os fatores que dificultam o ensino da música para as crianças com TOD na Educação infantil? Verificou-se as respostas a seguir:

Primeiro nos falta formação continuada sobre esse repertório musical e também porque não tem esse profissional de música na escola, e nem recebemos apoio de nenhum desses profissionais. Não tenho o currículo musical formado, apenas aquilo que foi aprendido e ouvido no cotidiano por interesse próprio. Busco práticas de músicas educativas para implementar as minhas aulas. Mas isso não nos impede de trabalhar com a criança a musicalização. Pois ela desenvolve diversas habilidades na criança como: ouvir, apreciar, enfim envolver o lúdico aprendiz pois sabem que o som musical por si só já nos sensibiliza, nos toca, trabalha com nossos sentimentos. (Professora A).

O ensino da musica torna-se dificultoso, não somente para as crianças com TOD como para as demais, devido o fato do professor, nem sempre ter habilidade para trabalhar esse conteúdo em sala de aula. (Professora B).

Observa-se nas falas das professoras entrevistadas que uma das principais dificuldades de trabalhar o ensino da música na Educação Infantil é a falta de um professor de música na própria escola, pois, o que elas utilizam na sala de aula são formas superficiais de ensino da música devido não possuírem certas habilidades musicais.

A falta dessa habilidade é citada por elas como a inexistência de uma formação continuada voltada para esse conteúdo na sala de aula. Ao pensar em realizar a musicalização em sala de aula, o professor é o único interessado a buscar meios para que consiga realizar as atividades com suas crianças de forma adequada.

Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam na Educação Infantil. Todavia, existem profissionais que colocam o amor pelo que fazem acima dessas dificuldades e conseguem desenvolver um excelente trabalho, colocando em prática o que o sistema pede e agregando valores e trocando experiências entre os colegas da profissão.

Por fim, indagou-se: Que estratégias podem ser utilizadas pelo professor que possibilitam maior envolvimento dos alunos com TOD com a música na sala de aula? Dê exemplos. Podendo ser verificada as respostas das professoras entrevistadas:

Apresentar diversos repertórios musicais por meio de vídeos musicais, usar caixa de som, cantar cantigas infantis com eles e música da atualidade dentro da faixa etária deles. E utilizar materiais confeccionados com sucata em sala de aula como chocalhos com garrafas pet e outros objetos que produzem som. Usar também tambor, pandeiro dentre outros. Tudo deverá ser bem planejado. (Professora A).

Além das músicas infantis que fazem parte da rotina das salas de aula na educação infantil, pode ser trabalhada a chamadinha utilizando instrumentos musicais como garrafas pet com grãos de arroz, feijão, confecção de materiais (instrumentos), trabalhar a lateralidade, intensidade, ritmo, imitação, gestos, atenção, perfeccionismo, memorização, expressão corporal e etc. (Professora B)

Em relação às estratégias utilizadas pelas professoras em sala de aula, elas citam: a realização da chamada dos alunos de forma musical, o uso das cantigas infantis na sala de aula, entre outras, tornando possível introduzir a musicalização na sala de aula de forma significativa. Elas ainda apresentam algumas sugestões como o uso de materiais reciclados, como sucatas para a confecção de instrumentos musicais.

Nesse sentido, o papel do professor é de facilitador do processo ensino-aprendizagem no qual as dificuldades enfrentadas pelos alunos com o TOD sirvam como motivação para que os mesmos criem estratégias e revejam as metodologias, com o intuito de proporcionar entendimento e gerar aprendizado de forma significativa e o uso do ensino da música na Educação Infantil se torna relevante para a construção de conhecimentos, desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Sendo assim, vivenciado a música durante as aulas, oportuniza ainda à criança com TOD, o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao ensino formal, como a estratégia de concentração, o aperfeiçoamento da linguagem, da criatividade, da imaginação entre outros elementos relevante para o seu desenvolvimento.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho proporcionou uma reflexão significativa acerca da importância do ensino da música para o desenvolvimento da criança com TOD na Educação Infantil. O TOD é um transtorno característico de comportamento agressivo, desobediente e etc., com sintomas e graus de manifestações extremamente variadas, prejudicando a comunicação, a interação social, o comportamento e o pensamento da criança.

A importância de um diagnóstico prévio possibilita uma maneira melhor para intervir pedagogicamente com esta criança. Este estudo reconhece a importância do ensino da música para a criança com TOD e pode ser usado para inserir, para aperfeiçoar conteúdos e preparar o aluno para compreender os conceitos trabalhados. Diante disso, a presente pesquisa respondeu a inquietação em saber de como a música pode contribuir para o desenvolvimento da criança com transtornos na Educação Infantil.

Nos resultados obtidos neste estudo através de entrevistas aplicadas com as professoras da Educação Infantil foi possível verificar que a música quando faz parte do cotidiano das crianças com TOD, desempenha papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento das mesmas.

Diante do que foi observado e relatado, percebeu-se a necessidade da existência de um profissional de música dentro das escolas, pois na maioria das vezes os professores do quadro não possuem habilidades adequadas para trabalhar com a musicalização na sala de aula.

Dessa forma, constata-se que o ensino da música auxilia consideravelmente no Ensino-aprendizagem para as crianças que apresentam TOD, na medida em que o professor de música encontra facilidades em fazer uso dessa técnica. Para que isso dê bons resultados, observa-se ainda na pesquisa a relevância da escola em oferecer suporte para que o professor da Educação Infantil desenvolva ensino da música de forma significativa para o aluno com TOD, podendo ajudar também os alunos com outras dificuldades de aprendizagem.

A escola por sua vez deve e precisa estar preparada para receber a criança com TOD adaptando o ambiente, o currículo, criando estratégias, e capacitando os profissionais para trabalhar a música com essas crianças, pois sabe-se que uma educação inclusiva começa com um olhar sensível para esse público buscando os meios e recursos necessários para atendê-los, principalmente, a sua permanência na escola, entendendo que é a escola que precisa se adaptar à criança com o TOD e não o contrário.

Os objetivos propostos para o desenvolvimento deste trabalho foram alcançados, pois foi possível entender como o ensino da música pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de alunos com TOD, bem como, a forma como a musicalização é trabalhada pelas professoras em sala de aula.

Conclui-se que o ensino da música é um agente facilitador do ensino e aprendizagem, no qual as crianças com transtorno aprendem de modo mais dinâmico, aguçam sua criatividade e fazem com que elas expressem suas emoções. É importante ressaltar que o professor da Educação Infantil tem a responsabilidade de planejar, organizar, observar e guiar da melhor forma possível as atividades que envolvam a musicalização, dando a oportunidade para que a criança possa desenvolver seu potencial cognitivo, social, emocional e criativo.



Nesse sentido, espera-se que este trabalho sirva de incentivo para os professores, em especial, da Educação Infantil, a promoverem o ensino da música de forma adequada, tornando suas aulas estimulantes e prazerosas para os alunos com TOD, facilitando assim o aprendizado e desenvolvimento desses alunos.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Lucyanne de Melo. Música e Autismo: práticas musicais e desenvolvimento sonoro musical de uma criança autista de 5 anos. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21., 2013, Pirenópolis. *Anais...*

Pirenópolis: ABEM, 2013. p. 1396-1405.

ALVES, Daniella Camargos. Educação Musical e inclusão: a importância das aulas de música para a criança autista. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 9., 2014, Vitória. *Anais...* Vitória: ABEM, 2014. p. 1530-1541.

BARROS, Marisa Raquel Monteiro de. **A Música como mediadora no desenvolvimento cognitivo em crianças com perturbações Autísticas: Intervenção junto de uma aluna com perturbações Autísticas.** Mestrado em Necessidades Educativas Especiais – Domínio Cognitivo Motor. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 2014.

BAZZANI, Tania Cristina. **A Inclusão escolar: um fato; uma realidade!**[s.l.], 2014. Disponível em: <http://www.swbrasil.org.br/artigos/inclusao-escolar>. Acesso em: 13 dez. 2019.

BRASIL. **Constituição da República do Brasil de 1988.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 01 maio, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. **O Processo de Integração Escolar dos Alunos Portadores de Necessidades Educativas Especiais no Sistema Educacional Brasileiro.** Brasília: MEC/SEESP, 1995.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: presidência da República, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm) Acesso em: 10 maio, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014.** Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm). Acesso em: 10 maio, 2020.

BRITES, Clay. **TOD transtorno opositivo – Desafiador da teoria a prática.** Livro eletrônico 2016.

COSTA, Lucia Regina Baptista; FERREIRA, Simônica da Costa. **A Música na Educação Infantil**. Acre: FAC, 2012.

DORZIAT, Ana. A inclusão nas escolas de 1º ciclo de ensino básico de Lisboa: Algumas considerações. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Unidade Estadual Paulista. v. 15, n. 2, 2019.

FERREIRA, Emerson Benedito; FERREIRA, Jesuína Therezinha Cherubino; ALVES, Ângela Cristina Ferreira. **Dislexia e educação: deveres e dilemas**. São Paulo: Sagres, 2013. Disponível em: [http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific\\_articles/files/000/000/051/original/D islexia\\_e\\_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364](http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/D%20islexia_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364). Acesso em: 10 maio, 2020.

HADDAD, Michel. TOD, Autismo e TDAH: 5 formas de reconhecer os transtornos. **Saúde Mental**, 2020. Disponível em: <https://superafarma.com.br/tod-autismo-e-tdah-5-formas-de-reconhecer-os-transtornos/#:~:text=No%20artigo%20de%20hoje%20falaremos,d%C3%A9ficit%20de%20aten%C3%A7%C3%A3o%20com%20hiperatividade>). Acesso em: 22 set., 2020.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. 1ed., São Paulo: Som, 2014.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e Política Públicas**. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVIER, Lou de. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento**. Rio de Janeiro: WakEd., 2011.

OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme. **A Inserção da música na educação infantil e o papel do professor**. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Pernambuco: PUCPR, 2019.

QUEIROZ, I. C. S. O autismo: aspectos gerais e um breve relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2013, Belém. **Anais...** Belém: ABEM, 2013.

SANTOS, Cristiane Fontes dos; SANTOS, Herica Carmen dos; SANTANA, Maria Jussara de. **O processo de aprendizagem de crianças autistas**, 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf> Acesso em: 10 junho, 2020.

SILVA JUNIOR, Gerson Alves da. **Educação inclusiva e diferenciada indígena.** Psicol. Cienc. v.20 n.1. Brasília, Mar. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932000000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932000000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 20 jan, 2020.

SILVA, Ana Carolina dos Santos da ; ANDRADE, Janaína da Silva de ; SCKRICOSKI, Luciana Soares de Andrade ; BARBOSA, Suellen Karen Madeira dos Reis ; DAVID, Mônica Cristiane. **A música como recurso no desenvolvimento biopsicossocial da criança com Transtornos do Espectro Autista (TEAS).** Ensaios Pedagógicos, v.7, n.1, Jan/Jun., 2017.

SOEIRO, Nickson Douglas Araújo. **As contribuições das aulas de musicalização para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com o Transtorno do Espectro Autismo.** Monografia (Graduação) – Curso de Música, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.